



XIX Conferência Brasileira de Comunicação Cidadã

de 08 a 10 de outubro 2025
Universidade Federal do Tocantins

A GUERRA DE OIÁ: Comunicação e resistências à transição energética do sertão¹

Gislene Moreira - Universidade do Estado da Bahia.

RESUMO

No cenário de expansão das fronteiras do capital na transição energética, este artigo discute algumas estratégias de produção contrahegemônica que enfatizam as resistências aos empreendimentos de energia renovável na América Latina. A partir do acompanhamento de experiências de comunicação popular, o estudo enfatiza mecanismos de enfretamento discursivo às “energias sujas” em zonas de sacrifício no Nordeste brasileiro e no México. Desde os estudos da Comunicação para o Bem viver, a iniciativa problematiza a crise climática na perspectiva dos povos da terra. O objetivo é apresentar outras possibilidades e horizontes para uma transição socioenergética mais ampla, plural e justa.

PALAVRAS-CHAVE

Transição socioenergética; semiáridos; conflitos socioambientais; comunicação contrahegemônica; mulheres.

1 INTRODUÇÃO

Este trabalho² busca compreender e mapear os processos de comunicação contrahegemônica produzidos em comunidades tradicionais afetadas por empreendimentos de energia renovável na América Latina. A partir do acompanhamento de experiências comunicativas de re-existência e soberania energética no Brasil e no México. Os dois países são os maiores produtores de energia renovável na expansão neoextrativista latinoamericana. Nestes contextos, o semiárido nordestino e os territórios indígenas e camponeses do estado mexicano de Oaxaca são considerados como zonas de sacrifício. Nessas localidades, o avanço do capital “verde” aposta na construção de uma nova hegemonia e no discurso do desenvolvimento sustentável para justificar a expulsão, violação e silenciamento de outras vozes e atores, em especial das comunidades e povos tradicionais.

Desde atividades de trabalho de campo, este estudo busca ampliar as narrativas sobre a energia como estratégias de defesa de seus territórios, e aprofunda a discussão sobre transição ecológica e crise climática desde a perspectiva dos povos da terra.

Em termos de construção metodológica, no Brasil, foram analisadas as estratégias de contrainformação e mobilização social produzidas pelas Mulheres do Polo da Borborema na

1 Trabalho apresentado no GT5 – Ações Comunitárias protagonizadas por populações sub-representadas como alternativas às crises climáticas do **XIX Conferência Brasileira de Comunicação Cidadã 2025**, realizada de 08 a 10 de outubro de 2025, na Universidade Federal do Tocantins, Palmas-TO.

² A iniciativa é um dos desdobramentos do projeto de pós-doutorado realizado na UERJ e Flacso-México, e contou com apoio do Fundo Casa e do Pronai/ Conachyt-México. Ela surgiu a partir do Observatório dos Conflitos SocioAmbientais da Chapada Diamantina (OCA), uma iniciativa da UNEB, UEFS e CPT, que desde 2019 monitora o avanço de megaprojetos no semiárido baiano.

Paraíba, o Sítio Ágata em Pernambuco e o recém-constituído MAR – Movimento dos Atingidos por Renováveis. No México, foram contempladas experiências de vários coletivos por soberania energética como a Sandía Digital, em sua ação comunicativa Luzes da Resistência.

A fim de captar um registro audiovisual foram avaliados os documentários *La Energía de los Pueblos* (2020), *Vento Agreste* (2023) e *Os filhos do Vento* (2024). O primeiro é uma obra coletiva dirigida pelo coletivo Sandía Digital que reflete sobre o conceito de energia e apresenta experiências contrahegemônicas no México e Guatemala. O segundo é dirigido por João do Vale, em uma produção assinada pela Comissão Pastoral da Terra (CPT). E o último é um filme de Rogério Bié e Euziane Bastos, produzido como Trabalho de Conclusão de Curso da graduação em Jornalismo, na Universidade Federal do Ceará (UFC).

Na perspectiva *corpo-território* (Gago, 2020) foram selecionadas também as performances-instalações de Yasmim Formiga, uma artista visual e influenciadora digital que utiliza o corpo, instrumentos de memória e materiais da caatinga destruída pelos complexos eólicos para denunciar as violações energéticas no município de Santa Luzia, na Paraíba.

Figura 01

Performance “Ponto de Ativação no complexo eólico Chafariz”



Fonte: Yasmin Formiga e fotografia de João Kariri (2024)

No caso mexicano, foi selecionada a intervenção *Neocolonismo* (2017), uma escultura-lumínica instalada na usina eólica de Unión Hidalgo, no estado mexicano de Oaxaca pela artista Beatriz Millón em colaboração com a Assembleia dos Povos Originários do Itsmo de Tehuantepec.

Figura 2

Intervenção Neocolonialismo



Fonte: Beatriz Millón, Oaxaca-México, 2017

Inspirada na pedagogia libertadora de Paulo Freire (2005), na educomunicação de Mario Kaplum, na investigação-participante de Fals Borda (2007), na comunicação popular de Cicilia Peruzzo (2022), o estudo traça uma abordagem teórico-metodológica contracolonial que busca destacar a *agência* comunicacional de grupos atingidos pelo avanço das energias renováveis em seus territórios.

Observa-se desde a dificuldade de seleção da linguagem, a construção de variados canais comunicativos contrahegemônicos, que vão desde a produção audiovisual convencional, aos conteúdos de redes sociais, à experimentação estética e inovação discursiva.

O resultado da análise destas múltiplas linguagens contrahegemonicas é a problematização dos conceitos do capital sobre a transição energética, que a reduz ao discurso das soluções tecnológicas de expansão de fontes para produção de eletricidade. Ao priorizar números relacionados a ganhos econômicos e potência produtiva, evidencia-se a ideia de vento e sol como mercadoria, e a falácia da imaginação ecológica capitalista, que mantém a dicotomia sociedade-natureza geradora do colapso climático.

A ação comunicativa contrahegemônica investigada humaniza a transição energética, enfatizando relações comunicativas desde a valorização dos corpos-território em conflito. Elas propõem outras perspectivas de valor, espaços e tempos, ampliando a narrativa energética para a ressignificação dos sujeitos políticos atravessados pelos megaprojetos de energias. Elas também indicam a construção de identidades coletivas, subjetivadas a partir do conceito da violência e violação dos corpos-territórios.

A diferença dos contextos brasileiros e mexicanos está, porém, marcada pelo tempo. Enquanto o contexto do Brasil marca obras mais recentes, refletindo a instalação acelerada dos empreendimentos há cerca de uma década, o México traz uma maior temporalidade histórica tanto na implantação dos megaprojetos, quanto na temporalidade das estratégias de enfrentamento e

resistência. Fruto de um maior acúmulo de discussão, eles avançam na construção de alternativas e conceitos de energia para além do capital, enquanto o Brasil ainda está marcado pela necessidade de denúncia das violações imediatas.

Os materiais evidenciam uma urgência por dinamizar outras formas de sentir, pensar as energias, em suas relações mais amplas com a natureza e as populações afetadas. Há também uma construção estética que estreita a relação entre a comunicação, as artes visuais e o ativismo medioambiental, gerando uma práxis comunicativa através da ação, da denúncia e da conscientização de forma colaborativa, tratando de gerar comunicação como ferramenta de mudança.

Em termos discursivos, há uma aposta na ancestralidade e na potência dos corpos-territórios, que ampliam e humanizam o conceito de energia, colocando em evidência o conflito vida – capital no debate da transição ecológica global. Em defesa do patrimônio biocultural das comunidades violentadas, inauguram horizontes comunicativos que permitem propor outros imaginários de energia, mais próximos a ideia de justiça energética com aportes mais plurais, contextualizados, feministas e contracolonial.

Referências

Acosta. O Bem Viver – Uma oportunidade de imaginar outro mundo. São Paulo: Autonomia Literária, Elefante, 2016.

Cogo, Oliveira, e Lopes. Buen vivir e a crítica ao desenvolvimento: reposicionando a comunicação e a cidadania no pensamento latino-americano. XXII Encontro Anual da COMPÓS. Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2013.

FALS BORDA, Orlando. La investigación-acción participativa: política y epistemología. Bogotá: Universidad Nacional de Colombia, 2010. p. 205-225.

FALS BORDA, Orlando. La investigación-acción en convergencias disciplinarias. Lasaforum, v. 38, n. 4, p. 17-22, 2007.

Peruzzo e Volpatto. Comunicação para o desenvolvimento: aspectos teóricos desde a modernização ao buen vivir. Taubaté: Revista Brasileira de Gestão e Desenvolvimento Regional, 2019.

La energía de los Pueblos. Marie Combe e Mónica Montalvo Méndez. México: 2020. 63 min.

Vento Agreste. João do Vale. Brasil: 2023. 37 min.

Filhos do Vento. Rogério Bié e Euziane Bastos. Brasil, 2024. 59 min.

MILLON, Beatriz. “Neocolonialismo”. México: 2017. 15min. en Vimeo

<https://vimeo.com/226707759>